

“Toda bicha tem highlight”: representações queer no seriado *Super Drags*

RESUMO

Temáticas como identidades *queer*, sexualidades e gênero, por exemplo, são assuntos tabus na sociedade brasileira, principalmente em decorrência do caráter conservador neoliberal do cenário político, social e econômico do Brasil atualmente. Isto posto, este trabalho é motivado pela criação e exibição do seriado *Super Drags* em tempos de conservadorismo tão acentuado. Esta pesquisa objetiva a investigação das representações *queer* no primeiro episódio do seriado. Este estudo qualitativo interpretativista (ERICKSON, 1990; MOITA LOPES, 1994) se insere no âmbito da linguística aplicada indisciplinar (MOITA LOPES, 2006) ao utilizar arcabouço teórico transdisciplinar das Teorias *Queer* e dos Estudos de Gênero (BUTLER, 1990; SALIH, 2002; MISKOLCI, 2012). Para a proposta interpretativista, a linguagem é o fator determinante para a compreensão do fato social e das várias subjetividades dos sujeitos pesquisados. A proposta *queer* de pensamento visa o questionamento das categorizações binárias em busca da transformação social. Os estudos de gênero advogam que o sexo biológico não define o gênero dos sujeitos, pois o gênero se constitui socialmente de forma reiterativa e abarca diversas significações e corporeidades. Portanto, as personagens da série, carregadas e empoderadas pela energia do *highlight*, parodiam, criticam, exageram, recriam e fantasiam o gênero ao questionar padrões binários e forças autoritárias preconceituosas.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Representação. Teorias *Queer*. *Super Drags*.

Gabriel Marchetto

E-mail:
gabriel.marchetto@professor.mt.gov.br
Secretaria de Estado de Educação
de Mato Grosso, Campo Novo do
Parecis, Mato Grosso, Brasil.

Jaqueline Ângelo dos Santos Denardin

E-mail:
jaquelinedenardin@hotmail.com
Universidade Federal de Mato
Grosso, Cuiabá, Mato Grosso,
Brasil.

INTRODUÇÃO

No contexto brasileiro, trabalhar com temas como identidades *queer*, gênero, sexualidades, transexualidades, performances *drag*, homofobia e transfobia, por exemplo, podem ser considerados uma tarefa árdua, principalmente em decorrência do caráter conservador neoliberal do cenário político, social e econômico no Brasil atualmente. Estamos vivendo em um momento histórico o qual toda e qualquer produção de conhecimento é frequentemente criticada e questionada quanto a sua exequibilidade. Diante disso, pesquisas que tratem sobre questões de gênero e afins estão sendo amplamente criticadas no que tange sua relevância e viabilidade.

Contudo, ao realizarmos uma rápida pesquisa em buscadores online podemos encontrar inúmeras notícias e/ou reportagens sobre casos de feminicídios e assassinatos motivados por homofobia e transfobia no Brasil. Segundo dados da Coordenadoria de Estatística e Análise Criminal do Estado de Mato Grosso (estado o qual residimos e realizamos a presente pesquisa) dos 207 homicídios registrados no Estado no primeiro trimestre de 2019, 24 envolveram mulheres, e deste total, 12 foram identificados como feminicídios, fora os incontáveis casos que não são registrados. Estes dados não serão trabalhados detalhadamente neste trabalho, os quais são evidenciados aqui como uma tentativa para alertar, informar e conscientizar acerca da importância das pesquisas que tratem sobre questões de gênero.

Isto posto, a motivação deste trabalho se caracteriza pela criação e recepção da série animada *Super Drags* em tempos de conservadorismo acentuado. *Super Drags* é a primeira série de animação brasileira protagonizada por personagens *Drag Queens* retratadas enquanto super-heroínas que lutam contra as forças do *shade*¹ representadas principalmente pela homofobia e a intolerância. Este trabalho objetiva a investigação das representações *queer* na série *Super Drags* à luz das teorias *queer* e dos estudos de gênero (BUTLER, 1990; SALIH, 2002; MISKOLCI, 2012).

Super Drags foi recebida com muitas críticas negativas advindas de diversos setores e organizações, como por exemplo, a Sociedade Brasileira de Pediatria, a Câmara de Deputados Federais e o Ministério Público Federal. Os críticos apontaram que o seriado possui grande apelo com o público infantil pelo fato de o seriado ter sido desenvolvido no formato desenho animado e como a série aborda a temática de gênero e identidades *queer*, estes assuntos seriam considerados “inadequados” para crianças e jovens que utilizam a plataforma.

Portanto, a empresa, responsável pela divulgação e exibição do seriado, prontamente rebateu as críticas ao destacar que apesar de *Super Drags* ser uma animação, a série não é destinada ao público infantil. Pelo contrário, o seriado se dirige a um público de jovens acima de 16 anos e majoritariamente adultos. A partir disso, toda e qualquer material de divulgação do seriado passou a estampar a frase “somente para adultos, querida!” advertindo de maneira cômica e irônica o público em geral acerca da classificação etária do programa.

A seguir destacamos as metodologias utilizadas para a seleção, coleta e análise dos dados usados para a realização desta pesquisa, bem como as teorias que são utilizadas para embasar tais escolhas e análises. Também é feita uma breve descrição do recorte dos dados feito para este trabalho.

CONCEITUAÇÃO

O seriado *Super Drags* foi criado por Anderson Mahanski, Fernando Mendonça e Paulo Lescaut e produzido pelo estúdio brasileiro Super Combo, com investimento da famosa plataforma de *streaming* Netflix. A série é composta por uma única temporada com um total de cinco episódios de mais ou menos 22 minutos de duração cada, totalizando aproximadamente 110 minutos de conteúdo.

O presente estudo se insere no âmbito da linguística aplicada indisciplinar (MOITA LOPES, 2006) ao utilizar um arcabouço teórico transdisciplinar. Esta pesquisa qualitativa interpretativista (ERICKSON, 1990; MOITA LOPES, 1994) se baseia principalmente nas pesquisas das teorias *queer* e nos estudos de gênero (BUTLER, 1990; SALIH, 2002; MISKOLCI, 2012) como arcabouço teórico para as análises dos excertos selecionados para este trabalho.

A proposta interpretativista, segundo Luiz Paulo da Moita Lopes (1994) advoga para a linguagem enquanto fator determinante do fato social e o meio para sua compreensão mediante o entendimento das variadas subjetividades e interpretações dos sujeitos pesquisados.

Conforme Frederick Erickson (1990) ao se fazer uma pesquisa, deve-se manter um olhar atento para refletir deliberadamente naquilo que estamos vendo e ouvindo. Para o autor, pesquisar significa buscar, não só uma vez, mas várias vezes em determinado contexto social. Portanto, nesta pesquisa selecionamos os excertos analisados a partir de um olhar atento e reflexivo.

Para este trabalho realizamos a análise das representações *queer* no primeiro episódio da série intitulado “Hora do *Lipsync*”. Este episódio possui 23 minutos de duração e se caracteriza como o episódio introdutório do programa, apresentando as personagens e suas histórias. Primeiramente foi feita a transcrição do primeiro episódio, em um segundo momento a leitura e identificação dos temas mais relevantes, dos quais podemos citar as identidades *queer*, hipersexualização, homofobia, discurso de ódio, linguagem enquanto ato performativo e subversão e a partir das temáticas percebidas nos dados foi feita a seleção dos enunciados analisados.

Como última etapa metodológica, a partir das temáticas predominantes observadas nos dados do primeiro episódio foi definido o tema foco deste trabalho e devido a relevância e ocorrência do tema nos dados selecionados decidiu-se por focalizar nas ocorrências de representações das identidades *queer*. Adiante apresentamos uma síntese das principais referências que norteiam esta pesquisa.

Este estudo se insere no campo da linguística aplicada indisciplinar (MOITA LOPES, 2006), com caráter transdisciplinar ao buscar teorizações não somente no campo linguístico, mas também em outras áreas do conhecimento como a Sociologia e a Filosofia. Dessa maneira, dialogando com variadas áreas do conhecimento com o intuito de melhor compreender o fato social focalizado nesta pesquisa.

Conforme Moita Lopes (2006) a linguística aplicada (LA) compreende a linguagem como fator constitutivo da vida social e, portanto, a LA é uma área voltada principalmente para a resolução de problemas provenientes da prática de uso da linguagem não somente dentro do âmbito escolar, mas extrapolando o

ção da escola em direção a “problemas de uso da linguagem situados na práxis humana” (MOITA LOPES, 1996, p. 3).

Uma proposta *queer* de pensamento está relacionada com o questionamento de categorias binárias (homem-mulher, negro-branco, etc) limitantes em busca de transformação social. Richard Miskolci (2012, p. 19) destaca que refletir acerca da proposta *queer* é “pensar a sexualidade e outras diferenças, como culturais e políticas, como parte da vida cotidiana, e não afetando as pessoas apenas como assunto de saúde pública”.

Com isso, o autor destaca que as sexualidades, as diferenças e o Outro, a partir do pensamento *queer*, não devem ser desvinculados da esfera cultural e política e muito menos deslocados do cotidiano como apenas uma questão de saúde pública, mas sim compreendidos como construtos socioculturais que afetam diretamente a vida das pessoas.

Portanto, Sara Salih (2002, p. 19) ressalta que “a teoria *queer* surgiu, pois, de uma aliança (às vezes incômoda) de teorias feministas, pós-estruturalistas e psicanalíticas que fecundavam e orientavam a investigação que já vinha se fazendo sobre a categoria do sujeito”. A autora assevera que o termo “*queer*” foi resignificado e subvertido pelo pensamento *queer*, pois em língua inglesa tal termo possui caráter pejorativo e pode significar um xingamento/ofensa utilizado, muitas vezes, para se referir a grupos subalternizados como “aberrações” ou “anormais”.

A proposta *queer*, conforme Miskolci (2012, p. 26), objetiva problematizar a criação e disseminação dos conceitos de “normalidade” e “anormalidade” ao colocar em destaque as injustiças e violências que estão presentes na propagação e imposição de cumprimento das normas e convenções sociais. Assim, Miskolci (2012, p. 43) destaca que “o *queer* é relacionado a tudo que é socialmente chamado de estranho, anormal e, sobretudo, abjeto”.

O conceito de abjeção é muito importante para o pensamento *queer*, pois todos os que não se encaixam em padrões binários de classificação são desumanizados, ignorados e demonizados, considerados como seres abjetos pela sociedade. Por conseguinte, o *queer*, segundo Salih (2002, p. 19), “não está preocupado com definição, fixidez ou estabilidade, mas é transitivo, múltiplo e avesso à assimilação”. A autora também afirma que as teorias *queer* apontam para a volubilidade e ambiguidade das “identidades “generificadas” e sexuadas”.

Miskolci (2012, p. 32) também destaca que “a Teoria *Queer* lida com o gênero como algo cultural, assim, o masculino e o feminino estão em homens e mulheres, nos dois”. O autor evidencia a fabricação do conceito de gênero como algo construído socialmente e reiterado diversas vezes com vias a uma higienização social. O gênero está intrinsecamente ligado a normas e convenções, as quais são muito distintas a depender de cada sociedade e cultura. O gênero é, portanto, cultural e segundo o pensamento *queer*, tudo aquilo que é classificado enquanto masculino e/ou feminino está presente tanto em homens quanto em mulheres.

Sob esse viés, Judith Butler (1990, p. 21) destaca, também, que “o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas”. Consequentemente, segundo a autora, o conceito de gênero está intrinsecamente relacionado não

somente à cultura e a política, mas a várias modalidades de raça, classe, sexualidade e localidade, meios pelos quais o gênero é reproduzido e mantido.

A filósofa também busca evidenciar e destacar a diferenciação entre a noção de sexo, relacionado à biologia, e o gênero, como um construto sociocultural ao apontar que “(...) por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: conseqüentemente, não é nem o resultado causal do sexo nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo”. (BUTLER, 1990, p. 25-26). Assim, Butler questiona a imutabilidade do sexo enquanto categoria biológica e destaca que o gênero, como construto cultural, não depende do sexo e possui caráter fluído.

Isto posto, Salih (2002, p. 67) complementa as definições de Butler e define o gênero como “não natural” ao afirmar que “não há uma relação necessária entre o corpo de alguém e o seu gênero.” Para a autora, isso implicaria na possibilidade de existência de um corpo material designado como “fêmea” sem exibir traços usualmente classificados como femininos e um corpo “macho” sem traços usuais masculinos.

A partir dos questionamentos provenientes da distinção entre sexo e gênero e da contestação do caráter aparentemente imutável do sexo, Butler chega à conclusão de que o sexo, na verdade, sempre foi gênero. “(...) talvez o próprio construto chamado “sexo” seja tão culturalmente construído quanto o gênero; a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nula.” (BUTLER, 1990, p. 27).

Sendo assim, Salih (2002, p. 71) reitera que “se aceitamos que o gênero é construído e que não está, sob nenhuma forma, “natural” ou inevitavelmente preso ao sexo, então a distinção entre sexo e gênero parecerá cada vez mais instável.” Portanto, a própria distinção entre gênero e sexo se torna opaca na medida em que não existe uma distinção clara entre sexo e gênero, pois conforme Butler, ambos são construídos culturalmente.

Ademais, Butler (1990, p. 69) certifica que o gênero possui uma característica reiterativa, e por meio de intensas repetições ou “encenações”, o gênero é sustentado a partir de sua estrutura altamente regulatória. “O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser.”

Por conseguinte, Salih (2002, p. 83) afirma que Butler “considera tanto o sexo quanto o gênero como “encenações” que operam performativamente para estabelecer a aparência de fixidez corporal.” A partir desse conceito de “encenação”, Butler atesta que os sujeitos podem, conseqüentemente, “encenar” o gênero de maneiras “inesperadas e potencialmente subversivas”.

Na próxima seção apresento alguns excertos selecionados do primeiro episódio da série *Super Drags*. Os trechos utilizados para análise buscam ilustrar algumas das representações do pensamento *queer* presentes no decorrer do episódio escolhido levando em consideração as teorias *queer* e os estudos de gênero como categorias de análise.

DESENVOLVIMENTO (RESULTADOS E DISCUSSÕES)

O primeiro episódio da série *Super Drags* intitulado “Hora do *Lipsync*” introduz a maior parte das personagens e da história do seriado na cidade fictícia de Guararanhém. As três personagens principais são Donizete (Scarlet), Patrick (Lemon) e Ralph (Safira). Donizete é um homem negro, magro e desenhado de forma a evidenciar um pênis de tamanho avantajado. Ele é descrito ironicamente pelo narrador como alguém que possui “autocontrole”, todavia é a personagem mais franca, irritada e objetiva do grupo.

Patrick é um homem branco, gordo, afeminado e careca. Ele é visto como o “cérebro” e o líder do grupo. Patrick é descrito como astuto, perspicaz e amigável. Já Ralph é um homem branco, alto, loiro e musculoso. Ele é retratado como ingênuo, meigo e desatento.

Portanto, podemos perceber três estereótipos de homens gays, primeiro o homem gay negro viril com um pênis avantajado (Donizete), em segundo lugar o homem gay gordo e afeminado (Patrick) e por último o homem gay “barbie”, gíria comumente utilizada na comunidade LGBTQ+ para designar um homem gay com uma beleza física acentuada, mas pouco inteligente. No entanto, neste trabalho não detalharemos acerca destes três estereótipos de homens gays².

Alguns personagens secundários importantes também aparecem neste primeiro episódio, como por exemplo Vedete *Champagne*, uma *drag queen* negra, magra, experiente, vaidosa e feminina. Ela nunca aparece desmontada na série e sempre está muito bem vestida com inúmeras jóias e adereços. Vedete é a responsável por recrutar o grupo das *Super Drags* e passar todas as instruções das missões das queens. Goldiva, uma *drag queen* negra, magra, estilosa, narcisista, vaidosa e considerada a maior e mais famosa cantora e diva pop do universo da série. Lady Elza, a principal vilã da trama, uma *drag queen* branca, gorda, idosa, caricata, rabujenta e cômica. Elza é a responsável por praticamente todas as maldades e seu principal objetivo é eliminar Goldiva e ocupar seu lugar, além de consumir o *highlight* de toda a comunidade gay para rejuvenescer.

Outras personagens de menor destaque também são introduzidas no decorrer do primeiro episódio, como por exemplo, o chefe das *Super Drags*, Dr. Robertinho, um homem baixinho, gordo, careca e exageradamente arrumado, o qual faz questão de se auto exaltar como “macho alfa”. Val, a colega de trabalho das *queens*³, uma mulher negra, gorda, simpática e amigável. Profeta Sandoval, um dos vilões da série, um homem branco, de meia idade, autoritário, conservador e pastor de uma grande igreja em Guararanhém. Jezebel, uma jornalista local, conservadora, branca, magra, loira e religiosa.

O seriado utiliza uma linguagem extremamente irônica e sexualizada, a qual podemos perceber principalmente nos nomes utilizados para os locais e pessoas da trama. A loja de departamentos que as *queens* trabalham *Wanus Store* faz menção a palavra ânus, palavra da biologia para designar o orifício responsável por expelir as fezes. A denominação religiosa fictícia da série é a *Igreja do Gozo dos Céus* e seus desdobramentos como por exemplo, o “Tempo do Gozo”, “Em Nome do Gozo” e “O Poder do Gozo”. A palavra gozo possui um duplo sentido significando tanto o orgasmo das relações sexuais quanto satisfação ou deleite. O próprio nome da repórter local conservadora Jezebel, derivado do nome bíblico

Jezabel, uma rainha responsável pela promoção da idolatria de deuses pagãos em Israel e da morte de inúmeros profetas cristãos, provocando a ira de Deus.

A seguir passamos para a análise e comentários de alguns excertos retirados do primeiro episódio, os quais observamos maior ocorrência de representações do pensamento *queer*. Faremos comentários acerca de alguns termos selecionados e suas significações a partir das teorias *queer* e estudos de gênero.

Highlight. A energia vital das gays. Toda bicha tem “highlight”. É o que torna elas especiais. Pintosas! Bafônicas! Fechação! E toda bicha é fã da cantora pop internacional Goldiva. Diz que o anúncio do show dela está trazendo bicha cheia de highlight do mundo todo para um só lugar. (Excerto 01, Super Drags, 2018)

No excerto 01 destacamos o termo *highlight*, o qual se constitui como uma expressão da língua inglesa que possui vários significados a depender do contexto, podendo significar o ponto mais luminoso de uma fotografia ou quadro, também o verbo iluminar, realçar ou ornar com iluminação. A expressão é formada pelas palavras do inglês *high* e *light*, a primeira pode ser um substantivo que significa **alto** e um adjetivo designando **elevado** ou **superior**, já o segundo termo *lights* é um substantivo que significa **luz, iluminação** ou **claridade**.

No contexto do seriado, a palavra *highlight* é compreendida como “a energia vital das gays” sendo algo intrínseco a todas as pessoas LGBTQ+. Conforme a personagem da série Vedete, o *Highlight* seria aquilo que torna todas “as gays especiais. Pintosas! Bafônicas! Fechação!”⁴. O sujeito possuidor da energia do *highlight* pode ser entendido como aquele que não se encaixa a padrões heteronormativos binários de classificação social, um sujeito *queer* conforme aponta Miskolci (2012), o qual defende o *queer* como uma nova política de gênero, a qual emana a partir de demandas feitas pelos sujeitos colocando em perspectiva as normas que os constituem.

Por conseguinte, Salih (2012) destaca que a teoria *queer* realiza uma investigação e uma desconstrução das categorias binárias classificadoras do mundo social ao destacar a fragilidade e instabilidade de todas as identidades sexuadas e “genericadas”. Pensando nessa fragilidade, Butler (1990, p. 69) advoga que “o gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida”. Segundo a autora, o gênero ainda pode se cristalizar no tempo e produzir um status de uma substância homogênea e natural de ser.

A energia do *highlight* é constantemente citada e retomada no decorrer do primeiro episódio para informar e conscientizar o telespectador de sua grande importância como energia vital constitutiva dos sujeitos LGBTQ+ da série. Quando um sujeito perde seu *highlight* ele se transforma em um ser “sem vida”, fraco e desanimado. Lady Elza representa a força maligna do *shade* que retira a energia do *highlight* para benefício próprio.

Conforme Butler (1990), o *highlight* citado constantemente no primeiro episódio da série pode ser compreendido como a energia *queer* responsável por constituir as subjetividades de cada uma das personagens do seriado, perpassando tanto gênero, classe social e raça, por exemplo, atuando como construto sociocultural.

Ah! Insuportável! Você viu quanto viado, Bodilson? E o pior é que eles não estão aqui por minha causa e sim por causa daquela vagabunda amadora! Eu nunca vi tanto viado junto, nem no enterro da mãe do

Bambi. O que elas veem nessa tal de Goldiva? Nem cantar ela sabe. Tem aquela voz de taquara rachada. Mas o que é delas está guardado, queridas! Eu vou chupar o highlight de todos aqueles viados! Ah, se vou! Eu vou ficar mocinha novamente e todos vão ver que uma verdadeira estrela nunca cai! (Excerto 02, *Super Drags*, 2018, grifo nosso)

No excerto 02 temos a primeira fala da vilã Lady Elza, momento em que a personagem é apresentada para o telespectador. Elza está escondida em uma caverna escura e úmida com uma aparência envelhecida e cansada, ela conta apenas com a presença de seu animal de estimação Bodilson, um bode velho e feio que ela mesma sacrifica ao jogá-lo em seu caldeirão quando prepara uma poção que será utilizada para captar o *highlight* dos fãs de Goldiva.

Lady Elza aparece quase sempre sozinha, falando consigo mesma e confabulando contra Goldiva e as *Super Drags*. Nos momentos finais do primeiro episódio, ela consegue se alimentar de algumas gotas de *highlight* e rejuvenesce instantaneamente. A partir de sua fala podemos perceber referências claras ao universo LGBTQ+ como no trecho “Eu nunca vi tanto viado junto, nem no enterro da mãe do Bambi” uma referência ao filme da Disney que narra a dramática trajetória do veado Bambi. Veado é um termo amplamente utilizado pejorativamente para se referir a homens gays como “Viados”, no entanto esta palavra já está sendo ressignificada pela comunidade LGBTQ+ e perdendo seu tom ofensivo.

A passagem 02 aponta para a supervalorização da energia proveniente do *highlight* no contexto da série, a qual poderia inclusive rejuvenescer Lady Elsa. Portanto, é nítida a valorização das questões *queer* no seriado, pois o *highlight* representa gênero e seus desdobramentos socioculturais, conforme Butler (1990), dessa forma, o *highlight* representa a energia vital e imprescindível para a sobrevivência dos indivíduos retratados em *Super Drags*. Visto que, não podemos pensar em gênero, conforme Butler (1990), como algo dissociado de outras instâncias de nossa vida em sociedade, constituindo nossas identidades⁵.

(...) Para proteger as bichas e a energia do highlight, eu, Vedete Champagne, belíssima, convoquei um número seleteo de pocs com super habilidades (...). Juntas, através do gaydar, elas se transformam em Super Drags, para combater as terríveis Forças do Shade! (Excerto 03, *Super Drags*, 2018, grifo nosso)

Tanto a fala de Lady Elza no excerto 02 quanto outras falas do seriado, como visto no excerto 03, apontam para a questão da subversão da linguagem apontada por Butler na obra *Excitable Speech* publicada em 1997. Podemos destacar os termos **bicha**, **viado** e **poc**, dos quais **bicha** e **viado** são muito utilizados como ofensas para homens gays afeminados, já **poc** é uma palavra utilizada pela própria comunidade LGBTQ+ para designar alguém de menor status ou importância.

Salih (2012, p. 144), a partir da obra de Butler, ao tratar sobre a repetição e a ressignificação de termos pejorativos e ofensivos atesta que tal ação “contêm em si a promessa de recontextualizações afirmativas e de reutilizações subversivas que constituem uma resposta mais efetiva ao discurso do ódio do que as medidas legais”.

Apesar deste trabalho não evidenciar a questão da subversão da linguagem e suas ocorrências, é possível observar tais atitudes subversivas nas falas de diversas

personagens no decorrer do episódio. A utilização de termos como “bicha” e “viado” é feita tanto de forma pejorativa e ofensiva quanto ressignificada e subversiva no desenrolar da trama. Portanto, uma pesquisa mais detalhada acerca da utilização destes e outros termos, além de suas ressignificações e consequente subversão, pode ser realizado em outros trabalhos futuros.

Adiante passaremos para as considerações finais deste trabalho com as principais conclusões acerca do que foi apreendido sobre as representações *queer* no primeiro episódio da série *Super Drags*, especialmente o uso de *highlight*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho objetivou a investigação das representações *queer* na série *Super Drags* à luz das teorias *queer* e dos estudos de gênero (BUTLER, 1990; SALIH, 2002; MISKOLCI, 2012). No decorrer do texto, destacamos principalmente a utilização do termo *highlight*, entendido como a energia responsável por manter a vitalidade das personagens da série.

As personagens do seriado são constituídas enquanto sujeitos híbridos e transgressores das normas de gênero ao evidenciar a fragilidade, superficialidade e instabilidade do corpo generificado (BUTLER, 1990) através de inúmeras estratégias de montagem e desmontagem ao performatizar o feminino por meio da utilização de maquiagens, perucas, vestimentas, enchimentos etc.

A partir da performance *drag queen* e da energia do *highlight*, as personagens se aproximam com as teorizações do pensamento *queer*, pois segundo Salih (2002) o *queer* advoga para a afirmação de uma instabilidade e indeterminação das identidades generificadas e sexuadas.

Consequentemente, Miskolci (2012, p. 25) destaca que “movimentos *queer*, se pautarão menos pela demanda da aceitação ou incorporação coletiva e focarão mais na crítica às exigências sociais, aos valores, às convenções culturais como forças autoritárias e preconceituosas”. Na série, o *highlight* é definido como “a energia vital das gays” e se aproxima mais da crítica a valores binários e normativos, pois o *highlight* é descrito como a energia que torna todos os gays “(...) Especiais! Pintosas! Bafônicas! Fechação!”.

Um sujeito possuidor da energia do *highlight*, na série, é descrito como aquele que não se preocupa com padrões binários impostos pela heteronormatividade e heterossexualidade compulsória. Conforme Butler (1990, p. 53) a heterossexualidade compulsória e naturalizada exige a regulação do gênero como uma categoria binária “em que o termo masculino diferencia-se do termo feminino, realizando-se essa diferenciação por meio das práticas do desejo heterossexual”.

Segundo Butler (1990, p. 253) “o gênero é um ‘ato’, por assim dizer, que está aberto a cisões, sujeito a paródias de si mesmo, a autocriticas e àquelas exibições hiperbólicas do ‘natural’ que, em seu exagero, relevam seu status fundamentalmente fantasístico”. Portanto, as personagens da série carregadas e empoderadas pela energia do *highlight* parodiam, criticam, exageram, recriam e fantasiam o gênero de formas singulares e questionam padrões binários e forças autoritárias preconceituosas, pois segundo Miskolci (2012, p. 25) o pensamento

queer se lança ao desafio não de apenas incluir os homossexuais à sociedade, mas “mudar a sociedade de forma que ela lhes seja aceitável”.

Isto posto, o *highlight* destacado e analisado neste trabalho aponta para questões de gênero, as quais, segundo Butler (1990), são responsáveis pela constituição das identidades dos sujeitos e atuam em relação direta com outras instâncias de nossa vida social, como por exemplo, a classe social, raça, localidade, entre outros. O *highlight* no contexto de *Super Drags* constitui a energia imprescindível para a manutenção da vida de todas as personagens do seriado, apontando para a extrema importância e relevância das temáticas relativas a gênero e sexualidade em tempos de conservadorismo acentuado.

“Every faggot has highlight”: queer representations in the Super Drags series

ABSTRACT

Topics such as queer identities, sexualities, and gender, for example, are taboo subjects in Brazilian society, mainly due to the conservative neoliberal character of the political, social, and economic scenario in Brazil today. That said, this work is motivated by the creation and exhibition of the series Super Drags in times of such conservatism. This research aims to investigate queer representations in the first episode of the series. This qualitative interpretative study (ERICKSON, 1990; MOITA LOPES, 1994) falls within the scope of applied interdisciplinary linguistics (MOITA LOPES, 2006) by using the transdisciplinary theoretical framework of Queer Theories and Gender Studies (BUTLER, 1990; SALIH, 2002; MISKOLCI, 2012). For the interpretative proposal, language is the determining factor for understanding the social fact and the various subjectivities of the subjects surveyed. The queer thought proposal aims at questioning binary categorizations in search of social transformation. Gender studies advocate that biological sex does not define the subjects' gender, since gender is socially constituted in a reiterative way and encompasses several meanings and corporealities. Therefore, the characters in the series, charged and empowered by the energy of highlight, parody, criticize, exaggerate, recreate, and fantasize the genre by questioning binary patterns and prejudiced authoritarian forces.

KEYWORDS: Gender. Representation. Queer theories. Super Drags.

“Todos los maricas tienen *highlight*”: representaciones queer en la serie Super Drags

RESUMEN

Temas como las identidades queer, las sexualidades y el género, por ejemplo, son temas tabúes en la sociedad brasileña, principalmente debido al carácter conservador neoliberal del escenario político, social y económico en Brasil en la actualidad. Dicho esto, este trabajo está motivado por la creación y exhibición de la serie Super Drags en tiempos de tal conservadurismo. Esta investigación tiene como objetivo investigar las representaciones queer en el primer episodio de la serie. Este estudio interpretativo cualitativo (ERICKSON, 1990; MOITA LOPES, 1994) cae dentro del alcance de la lingüística indisciplinada aplicada (MOITA LOPES, 2006) utilizando el marco teórico transdisciplinario de Teorías Queer y Estudios de Género (BUTLER, 1990; SALIH, 2002; MISKOLCI, 2012). Para la propuesta interpretativa, el lenguaje es el factor determinante para comprender el hecho social y las diversas subjetividades de los sujetos encuestados. La propuesta de pensamiento extraño tiene como objetivo cuestionar las categorizaciones binarias en busca de la transformación social. Los estudios de género defienden que el sexo biológico no define el género de los sujetos, ya que el género está socialmente constituido de manera reiterativa y abarca varios significados y corporalidades. Por lo tanto, los personajes de la serie, cargados y potenciados por la energía de resaltar, parodiar, criticar, exagerar, recrear y fantasear el género cuestionando patrones binarios y fuerzas autoritarias prejuiciosas.

PALABRAS CLAVE: Género. Representación. Teorías queer. Super Drags.

NOTAS

¹ *Shade* vem do substantivo da língua inglesa que indica “sombra”, é uma expressão utilizada para indicar o ato de jogar indiretas, falar mal de alguém, tecer comentários ácidos ou julgar outra pessoa.

² Para saber mais sobre a questão dos estereótipos de homens gays e outras questões relativas à corporificação masculina e desejos na contemporaneidade, consultar obra “Desejos digitais: uma análise sociológica da busca por parceiros on-line” de Richard Miskolci, 2017.

³ Também utilizamos o termo *queens* para nos referirmos as personagens principais do seriado Patrick, Ralph e Donizete, devido a ampla utilização e reconhecimento deste termo pela comunidade LGBTQ+.

⁴ **Pintosa** é uma gíria gay que pode significar chique, bem arrumada e produzida. **Bafônica** pode designar popular, estrondoso ou muito comentado, já a **Fechação** pode ser descrito como um ato esplendoroso e glorioso que pode ser realizado por qualquer sujeito.

⁵ Sobre identidades, corroboramos com a concepção de Hall (2004), o qual entende identidades na pós-modernidade tardia enquanto múltiplas, cambiantes e fragmentadas, constituindo aquilo que denomina de sujeito pós-moderno.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Nara. Mato Grosso registra 12 feminicídios no primeiro trimestre. Governo do Estado de Mato Grosso. 2019. Disponível em: http://www.mt.gov.br/rss/-/asset_publisher/Hf4xlehM0lwr/content/id/11772061 Acesso em: 22 de Julho de 2019.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. 15ª ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1990.

ERICKSON, Frederick. Qualitative methods. In: LINN, Robert L.; ERICKSON, Frederick (org.). Quantitative methods. New York: Macmillan, 1990. v. 2.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

MISKOLCI, Richard. Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

MISKOLCI, Richard. Desejos Digitais: Uma análise sociológica da busca por parceiros on-line. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Da Aplicação de Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar. In: MOITA LOPES, L.P (org.). Por uma Linguística Aplicada indisciplinar. São Paulo: Parábola, 2006.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Pesquisa Interpretativista em Linguística Aplicada: A Linguagem como condição e solução. São Paulo, D.E.L.T.A. Vol. 10, nº 2, p. 329-338, 1994.

SALIH, Sara. Judith Butler e a Teoria Queer. 4º ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

Recebido: 10/02/2020.

Aprovado: 27/10/2020.

DOI: 10.3895/cgt.v14n44.11613.

Como citar: MARCHETTO, Gabriel; DENARDIN, Jaqueline Angelo dos Santos. “Toda bicha tem highlight”: representações queer no seriado Super Drags. **Cad. Gên. Tecnol.**, Curitiba, v. 14, n. 44, p. 66-79, jul./dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt>. Acesso em: XXX.

Correspondência:

Gabriel Marchetto

Rua Tocantins, 341. Apto. 101, Centro, Campo Novo do Parecis – MT.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

